

// ENTREVISTA

“Minha fala”: um testemunho de Flora Gomes

Atualizado e revisado por
Flora Gomes

O texto foi editado por Jusciele Oliveira, a partir de entrevistas e conversas realizadas com o cineasta.

Flora (Florentino) Gomes nasceu entre os dias 31 de dezembro de 1949 e 1 de janeiro de 1950, em Cadique, na antiga Guiné Portuguesa. Formou-se em Cuba, no Instituto Cubano del Arte e Indústria Cinematográficos – ICAIC (1967-1972), sob os ensinamentos de Santiago Álvarez; e em Dakar, na Televisão Senegalesa (1973-1974), sob orientação de Paulin Vieyra. Em 1973, juntamente com vários diretores africanos e da América Latina, Gomes participa da reunião *Third World Filmmakers in Algiers*. Iniciou sua carreira cinematográfica ao lado de Sana Na N’Hada correalizando com este dois curtas-metragens: *O Regresso de Cabral* (1976) e *Anus ke no osa luta* (1976); dirigiu ainda o média-metragem *A reconstrução* (1977), com o italiano Sérgio Pina; em 1994, realizou o curta-metragem *A Máscara*. Seus longas-metragens de ficção são: *Mortu nega* (1988), *Udju azul di Yonta* (1992), *Po di sangui* (1996), *Nha fala* (2002) e *Republica di mininus* (2011); e do documentário *As duas faces da guerra* (2006), que assina em coautoria com Diana Andringa. Em 2009, participou de uma construção coletiva, *Afrique vue par...*, com o curta-metragem intitulado *A pegada de todos os tempos*. É também realizador do curta *Bindidur di passada* (*O vendedor de histórias*, 2017) e do filme institucional *Uma nova cara para Guiné-Bissau* (2014). Atualmente, vive em Bissau e viaja pelo mundo em busca financiamento para terminar um documentário sobre a memória de Amílcar Cabral e escrever uma ficção policial.



Figura 1

Com a sua obra cinematográfica, Flora Gomes tornou-se um realizador de referência na cinematografia africana e mundial, conquistando a estima e o reconhecimento internacionais. Gomes é um realizador que se desloca de Bissau, sua cidade de residência, para diversos continentes e países, seja para participar de eventos ou para conseguir financiamentos, ou ainda deslocando-se para gravar suas películas, como um griot viajante contemporâneo que leva a sabedoria e a cultura de seu país e continente pelo mundo. Neste sentido, percebe-se o trânsito deste cineasta no mundo contemporâneo, metaforicamente representado pelos movimentos constantes da câmera ou de

personagens nos seus filmes, que percorrem as várias cenas e cenários e conduzem o espectador para onde o diretor deseja.

O estilo de Flora Gomes se expressa situação local e global, por meio de diálogos irônicos e reflexivos, apresentando na tela o discurso da memória e da história da Guiné-Bissau e da África contra o esquecimento do passado (**Mortu nega**) e do presente (**Udju azul di Yonta** e **Po di sangui**), em busca de um mundo múltiplo, colorido como o arco-íris, regado a utopia e ousadia (**Nha fala e Republica di mininus**), para ir além do que as mentes e os corpos ainda colonizados pressupõem. O autor Flora Gomes segue narrando histórias que referenciam sua vida, sua arte, sua cultura, seu país e sua história.¹

Eu me chamo Florentino Flora Gomes, nasci no meio das matas da Guiné chamada a Guiné Portuguesa, como Florentino. Eu sou um homem africano, um simples africano, inspirado por Amílcar Cabral. Eu vim de uma família muito pobre. A irmã mais velha de minha mãe quem realmente me ajudou, pois os meus pais não tinham condições. Amílcar Cabral mudou o meu percurso de vida. Um gigante com quem eu vivi bons momentos e praticamente foi como meu pai, que me mandou estudar cinema em cuba... Infelizmente, quase todos grandes líderes foram assassinados pelo colonialismo ou pelo imperialismo. Pena que Cabral não teve tempo, não teve tempo de falar... Calaram a voz de Cabral, no entanto, já era tarde, pois já tínhamos muitos "Cabrais".

Eu saí de Cuba e fui para o Senegal, terra do maior cineasta africano, Ousmane Sembène (1923-2007), fazer estágio com outro grande cineasta africano, Paulin Vieyra (1925- 1987). Para se ter uma ideia da grandeza de Cabral, ele já conhecia o trabalho destes homens e sabia que tínhamos que aprender com eles, para que fossem os guineenses, cabo-verdianos ou africanos a filmarem a luta de independência, a contarem as nossas próprias histórias. Sem excluir outros cineastas que filmaram a luta de independência, inclusive a convite do próprio Cabral. E nós (eu, Sana Na N'Hada, Josefina Crato e José Bolama), há 50 anos, andámos pela fronteira de Conacri e nos lugares das lutas da Guiné, ainda portuguesa, até setembro de 1974, quando Portugal reconheceu a nossa independência. E nós temos muito orgulho e consciência do reconhecimento e da grandeza de ter participado da história do cinema, de sermos citados quando se fala do cinema da Guiné-Bissau e do cinema africano, principalmente, por termos feito o primeiro filme coletivamente da Guiné-Bissau **O regresso de Cabral** (1976).

Cabral é muito importante para minha vida e para a história do meu país. Cabral não queria fazer a guerra. Ele não era uma pessoa de guerra. Cabral tinha formação, tinha emprego, tinha família, mas escolheu entregar sua vida pela luta, pela independência. Há pessoas que não viram ou não querem ver o que Cabral fez por nosso país... Não conhecem as cartas de Cabral tentando convencer os colonialistas sobre a necessidade da independência, que foram sempre ignoradas pelos governantes portugueses.

Cabral morreu porque não gostava de violência. Cabral acreditava no homem novo. Todo mundo sabe que antes, e mesmo depois da guerra, não havia profissionais formados e/ou qualificados

¹ O texto foi escrito por Juscielle Oliveira, que tem tese escrita sobre a obra do cineasta.

na Guiné. O país começou a guerra com 99% da população analfabeta. Hoje temos profissionais e estes devem se sentir orgulhosos dos homens e mulheres que fizeram essa luta. O nosso povo construiu uma história tão linda. Proclamamos unilateralmente em setembro de 1973 o Estado, que hoje se chama Guiné-Bissau. No ano seguinte, aconteceu o 25 abril e no outro dia, nas matas da Guiné, combatentes guineenses e portugueses já se abraçavam. Não havia sinal de medo do retorno da guerra. O que demonstra o pensamento de Cabral: combatemos contra o colonialismo português, não contra o povo português.

A geração que está aí é muito mais bem preparada educacionalmente, pelo menos mais do que a minha. Estão a escrever... Estão a compreender o porquê foi necessário fazer aquela guerra e travando outras guerras. Talvez, os que dizem que Cabral não precisava fazer a guerra, sabiam que Portugal de alguma forma (que não sei qual), um ano depois, iria reconhecer o Estado da Guiné-Bissau pela força das vozes do mundo... Pensem que mesmo ganhando a guerra, o governo português só reconhece a independência um ano depois, mesmo que mais de 80 países tenham reconhecido o novo Estado da Guiné-Bissau, mesmo sendo incontornável. Os combatentes portugueses sabiam que tinham perdido a guerra. Eu estou te contando a história que eu vivi. Eu estive nas matas da Guiné. Ganhamos a guerra contra o colonialismo português.

No entanto, minha missão com Cabral e a Guiné-Bissau não terminou ainda, pois é uma missão ingrata. A missão de fazer uma coisa e quem deveria ver não está presente. Eu ainda espero a crítica deste grande homem... Eu tenho consciência de que é uma missão difícil por ser cineasta e africano. Mas também é uma grande responsabilidade estar a contar histórias. Os jovens hoje dizem: "Cabral é tão presente". Eu respondi que Cabral é um homem que veio para ficar, porque nós não mudamos. Na verdade, é uma luta ainda. O discurso de Cabral é para África, é para Guiné-Bissau e para o mundo... Cabral era um visionário. Estou inclusive tentando terminar um documentário sobre a memória do Cabral no mundo contemporâneo... Como muitos cineastas, encontro-me buscando financiamentos...

Depois de realizar alguns filmes em codireção, eu tinha uma ideia de fazer um documentário sobre a luta de independência, porque não acreditava que poderia realizar uma ficção, mas como as histórias não começam da mesma maneira, por isto que as histórias são interessantes de ler e de ouvir, não só ler. E não posso me esquecer que eu vim de um povo, que a tradição oral é muito forte. Então, eu fui pesquisar e ler mais sobre a luta, que era um tema que eu conhecia, e desenvolvi a personagem Diminga (interpretada pela Bia Gomes) e escrevi o roteiro do **Mortu nega** (1988). É um filme que fala da luta do passado, do presente e do futuro, mas também da luta que foi fazer um longa-metragem de ficção, o primeiro do meu país. É um filme que conta a minha história, a história do meu povo, da nossa luta diária para viver e, sobretudo, na nossa língua crioula e nossa cultura, que tanto me inspiram.

Há coisas que eu não consigo escrever, eu penso na imagem. Em como ficaria na tela. No meu segundo longa-metragem **Udju azul di Yonta** (1992), eu escrevi que as crianças vinham correndo com os pneus, brincando na rua e cada pneu trazia uma história. E o produtor disse que assim não podia ser. Eu respondi que não estava ali para dar satisfação a ele... Aí, quando ele voltou e já estávamos no final do filme, na montagem, eu já tinha a banda sonora comigo e nós começamos a ver o filme e inserir o som. Quando ele chegou em Lisboa (local da montagem do filme),

perguntou: “Então, Flora este filme vai acabar?”. Eu respondi que a única certeza que tinha era que o filme estava selecionado para o Festival de Cannes. E ele insistia que deveria retirar os pneus. Eu só disse que o senhor não deve dizer-me o que eu vou fazer, não aceito... Eu não paro muito tempo na sala de edição, eu digo o essencial, o que quero e pronto, se não fica do jeito que “pintei” na minha mente peço para fazer novamente... Quando o filme começou e a música de abertura **Bissau kila muda** entrou, com uns 5 minutos de filme, ele pediu para parar e disse: “Flora por que não me disseses que o filme era isto?”.

Por fim, eu lhe disse que **Udju azul di Yonta** é a ruptura de uma geração que fez a luta e uma outra geração que quer viver a vida deles e não precisam estar aí a cantar ou gritar seus ideais. É um confronto de gerações. O filme é realizado no momento pós-colonial. Tudo isto é para dizer que os produtores devem ter respeito com os cineastas, pois eles querem dinheiro para fazer os filmes, mas não querem que lhe digam como fazer. Estes não devem ficar a pôr ideias ao cineasta... É preciso dizer que cada pneu leva uma data histórica da Guiné-Bissau: 1973 - independência unilateral; 1974 - 25 de abril e reconhecimento da independência; 1980 - Golpe de Estado; e 2000 - que futuro para Guiné-Bissau? (Figura 2). E o futuro sobre o qual me questionei no filme, não foi dos melhores, pois nos anos 2000 tivemos mais um golpe, novas tendências políticas e religiosas começaram a aparecer, por isso **Udju azul di Yonta** foi um marco por propor um novo olhar sobre a política pós-colonial e uma nova escrita cinematográfica no cinema africano.



Figura 2

Um filme completamente diferente do meu primeiro filme **Mortu nega**, que era carregado, pesado, como o próprio custo da independência, mas que no fim fomos todos banhados pela alegria, magia e energia da chuva para uma nova geração, que um dia eu sonhei que seria mais bem preparada. Uma geração que não teria complexo de nada, talvez, com um pouco mais de preparação,

mas que não eram patriotas. Hoje eu posso dizer isso, que não eram patriotas, porque é uma geração que me surpreendeu pela negatividade. Claro que não posso generalizar, mas penso que um dia farei um filme, no qual possa falar de coisas mais encorajadoras.

No filme **Po di sangui** (1996), eu quis chamar a atenção do mundo sobre as questões climáticas, a partir do meu pequeno país. Um grito do sobre o que estamos fazendo com o local onde vivemos, da relação o homem e a natureza. Como já disse, eu posso não encontrar palavras para descrever as belezas do mundo, mas consigo transformar em imagem. Aquela cena do leite, da cabaça de leite, do filme **Po di sangui**, do leite derramando na terra, como se fosse a metáfora da amamentação da terra (Figura 3).



Figura 3

É um contraste entre a terra e o leite. Eu lembro da exibição desse filme em Cannes. A plateia em silêncio e depois emocionada. A Bia Gomes, uma das protagonistas do filme, também chorou na exibição. Quando estou no momento de criatividade é quando estou apaixonado por qualquer coisa. Eu tenho que estar viajando ou pensando alguma coisa que não sei o que, ou quando estou no meu carro a conduzir, tenho muitas ideias. Eu, às vezes, tomo nota, mas já me aconselharam a gravar as ideias.

Em **Nha fala** (2002) é o “desencanto” da celebração do lugar de Cabral no pensamento do homem. Mostrei que o pensamento, as ideias de Cabral incomodavam os que governavam. E eu escolhi o gênero comédia, porque nela você pode dizer coisas sérias, e no musical, você pode esconder as coisas graves nas letras das músicas. Como na música da letra da música “Ousar” do filme **Nha fala**: “temos que ousar”. Eu sou muito ousado. Se calhar, é porque vim de um país ainda em construção constante, que, muitas vezes, aparece nas notícias como a pior coisa que há no mundo, por isso sou essa pessoa ousar por tentar construir uma nova imagem do meu país.

Já o **Republica di mmininus** (2011) é sobre a nossa luta, para que as pessoas não fiquem eternamente no poder, qualquer que seja o sistema de governo, precisamos transferir o poder para os mais novos. É o mundo que eu sonhei, do mosaico em que não há cores, nem diferenças entre tamanhos dos homens. No filme, os óculos de Cabral, são os óculos do futuro, que as crianças precisavam desses óculos para ver o futuro. Penso que essa é a razão. São só vivências, nada do outro mundo (Figura 4).



Figura 4

Sou um homem com os pés na terra, com a cabeça erguida. Escolhi as crianças porque são as mais puras. Não estão ainda contaminadas, não sei até quando... mas elas são minha esperança, todavia como tudo passa pelo ambiente, quando este não está em condições adequadas, sãs, os miúdos que também serão contaminados. Aí está a tragédia da humanidade. Embora, ainda acredite que as crianças são o futuro a humanidade.

Dito isto, posso afirmar que os meus filmes fazem parte da memória histórica da Guiné- Bissau e poderão não aparecer na galeria da memória histórica do mundo, mas os filmes que eu faço são essencialmente para homenagear todo o povo, que lutou a favor da Guiné, inclusive para quem lutou contra, pois busco sempre mostrar nos meus filmes concórdia e reconciliação de todos, falando dos acontecimentos do meu país, de esperança e da nossa cultura, língua e identidades.

Por vezes, eu sou confundido com mulheres em hotéis e eventos, talvez, seja por isso que nos meus filmes as mulheres são protagonistas. E fico muito feliz em tê-las nos meus filmes. As mulheres têm um percurso na nossa vida. Cada vez que lembro das dificuldades da minha mãe... é uma forma também de rende-lhe homenagem. Mas também é uma forma de homenagear a minha companheira, a minha mulher, que, mesmo estando distante de mim, eu sinto a sua presença da maneira como ela me tem estado a apoiar e acho que é a melhor maneira de render-lhe homenagem é falar dela assim, de iluminar o nome dela.

As mulheres guineenses vivem numa luta constante, como as *bideiras* (vendedoras do mercado e nas ruas), a força motora da economia informal da Guiné-Bissau, do meu país. Das mulheres que vendem tecido nas ruas, das meninas que fazem trança na praça, das crianças, que com o olhar, convidam-te para ajudá-las a ter um futuro. Não há ninguém que não se comova com este olhar. Elas carregam as frutas de um lado para outro. Essas crianças querem ser como você...

Querem viajar, querem falar outras línguas, para poderem ter acesso aos grandes concertos de sabedoria do mundo, disponível na internet... E é assim que elas são homenageadas nos meus filmes.

Sobre cinema africano, não sei se tenho uma opinião sobre o termo, pois até hoje não fabricamos câmeras ou material ainda para chamar "a câmera africana". Eu sei que há filmes francês, italiano, português, espanhol, alemão, belga. Eu penso que o filme é dado nome ao país pelo estilo do cineasta ou pela época do filme. Se calhar, é porque fazemos filmes que os críticos ainda não perceberam, que eles deveriam chamar o filme do Senegal, de realizadores como Ousmane Sembène; filmes do Mali do realizador como Souleymane Cissé. Poderíamos até dizer o filme africano, mas não é importante o carimbo que nos dão. O mais importante é o que nós fazemos, a mensagem que deixamos passar. A África que queremos pintar diferente da pintura, que eles pintaram e nós estamos pintando. Por vezes, a pintura da "loucura", por insistir em fazer cinema na Guiné-Bissau.

Eu não sou um cineasta por vocação. Minha profissão foi indicação do Cabral, mas acho que por uma curiosidade minha, acabei por ser preso nela e por uma coisa que eu não conhecia... a arte. Os meus filmes têm sempre um cunho político e isso incomoda. Mas é uma luta. Eles (cinéfilos, críticos, teóricos) vão acabar por aceitar que nós (cineastas e africanos) existimos. Eles têm que mudar de percepção, da grandeza e do tamanho e da qualidade das imagens que vem do mundo, que eles construíram nas suas mentes. Eu faço filmes para serem vistos. Se fossem somente para festivais, os filmes não seriam exibidos nas salas comerciais. Todos os meus filmes saíram nas salas comerciais. Podem não ficar muito tempo, porque incomodam a sociedade comercial, baseada na bilheteria.

Eu já fiz filme para o meu país, para os jovens, para meus filhos, hoje tenho que falar para os meus futuros netos. Isto é uma luta constante, embora eu não esteja amarrado a luta de libertação, mas ela me inspira. Eu tenho olhos no século XXI e não quero que a Guiné-Bissau fique fora do jogo desse século. De sermos africanos, sermos do mundo, ser o que somos e sem esquecer a nossa pertença. Sinto-me muito feliz por ser cineasta e carrego a responsabilidade de ser um modelo para os jovens do meu país e do mundo, o que me leva a pensar no futuro, pois essas pessoas estão a minha espera de mais um trabalho de reflexão sobre a nossa sociedade e tenho certeza, que eles sabem que não é nada fácil fazer um filme. O cinema é caro. Caro em todos os países do mundo e para o nosso país ainda é mais complicado. Isso para mim é a razão de continuar a fazer filmes, a cantar, a pintar... E sigo homenageando todos os criadores do meu país.

Bem, eu sigo vivendo no meu pequeno país, que tanto me inspira. Sempre descobrindo a literatura, o cinema, a história de outros povos, civilizações, sem estabelecer hierarquias ou juízo de valor, porque não existe nenhuma cultura e arte maior do que a outra. É uma questão de percepção e de abrir o espírito e aceitar as diferenças que há entre as culturas, as artes e as histórias... Como proponho na letra da música "Ousar" do **Nha fala**: "*Ke k no tem ke fassi pa no sedu igual i ao mesmo tempo diferente tambi*". ("Que temos que fazer para sermos iguais e diferentes ao mesmo tempo"). Continuam e vão continuar. Desde que haja na nossa mente que o outro é diferente, que

está ao meu lado, mas que somos obrigados a viver juntos. Iguais na diferença. Essa é a nossa luta no mundo. Pode ser entendido como utópico, mas é por isso que nós sonhamos... Temos que sonhar, pode até não ser certo, mas precisamos continuar sonhando. Aí de um país em que o povo é proibido sonhar...

Mantenhas!